

Problema é geral no Plano Piloto

O problema dos puxadinhos não se restringe à quadra 105 Sul. Por todo o Plano Piloto espalham-se estabelecimentos que invadem área pública. Um levantamento feito pela Sefau, em 2004, mostra que 1.028 comércios ocupam um total de 96.924 metros quadrados de áreas públicas. Desse total, 44.906 metros quadrados são de área coberta, ou seja, edificada ou com toldos. Outros 52.018 metros quadrados são descobertos, ocupados apenas com mesas e cadeiras.

Para o superintendente regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Alfredo Gastal,

as invasões não ferem apenas o tombamento do Plano Piloto, mas também interferem na concepção de Brasília feita por Lúcio Costa. Gastal lembra que, ao fazer o plano de Brasília, o urbanista criou o comércio local para servir apenas à quadra e, por isso, as lojas são pequenas.

"O problema é que o comércio, principalmente os bares e os restaurantes, cresceu desmesuradamente. Hoje, eles atendem clientes de várias áreas e não mais apenas da quadra", afirma Gastal. Para ele, o ideal seria se os bares mudassem de lugar. Como sugestão, ele cita a Avenida W3, que hoje está em plena decadência e tem muitas lojas vazias e o Setor

Comercial Sul (SCS), que fica vazio durante a noite. "Nesses lugares, eles poderiam fazer festas e shows até de madrugada sem incomodar nenhum morador", diz. "Há uma grande incoerência em querer transformar Brasília em uma cidade comum e não preservar o que ela tem de bom", completa Gastal.

■ Entendimento

O presidente do Instituto Fecomércio, Adelmir Santana, por sua vez, prega um entendimento entre o comércio, o governo e entidades como o Iphan. Segundo ele, melhor seria se os puxadinhos fossem regularizados e as construções, dessa forma,

padronizadas. "Hoje o que se vê é uma ocupação completamente desordenada que deixa a cidade feia. As pessoas constroem com madeira, tijolos, colocam toldos de diferentes cores", diz.

Na opinião de Adelmir Santana, é preciso que a sociedade acompanhe a mudança de Brasília durante esses 46 anos. "A cidade não pode ficar engessada. São mais de 20 anos de discussões sobre as invasões. Hoje, se forem derrubar todas as construções irregulares, as ruas irão virar um grande cemitério de obras. As lojas são muito pequenas: as duplas têm 3,5 metros por 10 metros. Isso não abriga comércio nenhum", argumenta.



■ ADELMIR SANTANA PREGA A DISCUSSÃO E O ENTENDIMENTO